

# O MÉDICO HISTORIADOR E O MEMORIALISTA

Joaquim Alves de Aguiar

## RESUMO

O artigo aborda os escritos do memorialista Pedro Nava sobre medicina, ofício que desempenhou antes de se dedicar às suas Memórias. Trata-se de duas obras, publicadas ao final da década de 1940, que versam sobre a história e a prática da medicina no Brasil nos aspectos científico, social, antropológico e cultural, mas em que já comparecem as perspectivas literárias, as marcas estilísticas e as fontes documentais que duas décadas depois conformariam a prosa memorialista do escritor.

*Palavras-chave: Pedro Nava; história da medicina no Brasil; memorialismo.*

## SUMMARY

This article discusses Pedro Nava's historical writings on medicine, a profession he practiced before dedicating himself to writing memoirs. In the late 1940s, Nava published two books on medical history and practice in Brazil from a scientific, social, anthropological, and cultural viewpoint, though already incorporating literary perspectives, stylistic tendencies, and documentary sources that were to appear in his memoir writings two decades later.

*Keywords: Pedro Nava; history of medicine in Brazil; memoirs.*

## 1

Em 1976, ano da publicação de *Chão de ferro*, terceiro volume das Memórias de Pedro Nava, Oto Lara Resende, recebendo o livro, chamou a atenção, em sua coluna no jornal *O Globo* de 19 de junho daquele ano, para a existência de um "discreto volume" publicado por Nava, muito antes de *Baú de ossos*, chamado *Território de Epidauro*<sup>1</sup>. O livro, relativamente pequeno (160 páginas), aparecera em 1947, sem que tivesse merecido a devida atenção da crítica: "apenas alguns registros na imprensa, entre os quais, justiceiro arauto, um artigo de Rachel de Queiroz" — diga-se de passagem, parente distante do memorialista pelo lado da família de seu avô materno.

A época de publicação da crônica era de euforia nos meios da imprensa e literários, que recepcionavam a cada dois anos, em média, um

(1) Nava, Pedro. *Território de Epidauro. Crônicas e histórias da história da medicina*. Rio de Janeiro: Cândido Mendes, 1947. Para localizar as citações desse livro, utilizaremos entre parênteses a sigla TE seguida dos números das páginas.

novo volume dos seis que compreenderiam as Memórias de Nava<sup>2</sup>. Em meio à onda elogiosa, nem sempre muito esclarecedora, não escaparia ao cronista, ele também mineiro e escritor importante, uma nota esclarecedora sobre a gênese da obra do autor de *Chão de ferro*: aquele "discreto volume" teria deixado "escapar pelo pesponto científico" o "jucundo e insopitável talento literário" de Nava, de modo que "bem observado, com efeito, o prosador [das Memórias] mais que se anuncia, está inteiro no *Território de Epidauro*, uma espécie de *Namoros com a medicina* de médico que namora a vida, o amor, a morte e todas as suas ciências".

Começando pela segunda parte da observação de Lara Resende, é muito provável que Nava tenha se inspirado em Mário de Andrade, cujo livro citado pelo cronista aparecera, se não estiver enganado, também discretamente, no final dos anos 30<sup>3</sup>. Talvez não se possam descartar prováveis conversas mantidas entre ambos os escritores sobre o livrinho de Mário quando de seu "exílio carioca", entre os anos de 1938 e 1941. Não custa lembrar aqui que os dois se conheciam desde os anos 20, que haviam se correspondido longamente<sup>4</sup> e que Mário, já doente no Rio, fora atendido por Nava, na qualidade de médico e de amigo do peito<sup>5</sup>.

*Namoros com a medicina* é um livro pequeno, composto por apenas dois ensaios, "Terapêutica musical" e "A medicina dos excretos", e trata, basicamente, dos componentes folclóricos que constituem a medicina popular, uma ciência paralela à oficial e fortemente enraizada na nossa cultura. Esse aspecto, central no livro de Mário, também seria decisivo no livro do escritor mineiro. Mas não só o tema dos *Namoros* teria servido de inspiração a Nava. A maneira solta e bem-humorada, entre o discurso científico e a crônica literária, de Mário tratar o seu assunto também pode ter influenciado o autor de *Território de Epidauro*<sup>6</sup>. Se for assim, não chega a surpreender que, no momento de se referir a Mário de Andrade, Nava nos dê uma excelente demonstração da mescla estilística de ciência e literatura com que compôs o seu livro. Ao falar das noções de sacrifício e de expiação estudadas por Mário na psicologia dos doentes à mercê da "medicação imunda" da medicina dos excretos, Nava acrescenta entre os "agentes que castigam e aliviam" as injeções, terapêutica atemorizante, menos pela dor que provocam e mais pelo horror à introdução do corpo estranho no corpo do paciente:

*É comum encontrarmos pacientes que se recusam terminantemente a admitir o seu emprego, sem outra explicação senão o fato de ainda não terem, até o momento da indicação que lhes é feita, permitido o uso dessa via de introdução dos medicamentos. E isso é sempre dito, no tom afirmativo onde transparece uma espécie de orgulho pela manutenção dessa como que virgindade do corpo, pelo zelo da sua inviolabilidade — que lembra um pouco a jactância, o gabo, a autodignificação dos que nunca apanharam, dos que têm uma cara onde, jamais, ninguém encostou a mão, ou dos machacazes do passado,*

(2) Os títulos e as datas de publicação dos volumes das Memórias de Nava são os seguintes: *Baú de ossos*, 1972; *Balão cativo*, 1974; *Chão de ferro*, 1976; *Beira-mar*, 1978; *Galo-das-trevas*, 1981; *O cirião perfeito*, 1983. Quando se matou, em 1984, o escritor estava escrevendo *Cera das almas*, o sétimo volume da obra, que ficou inacabado.

(3) Conforme Advertência escrita por Mário em 1937 aos seus *Namoros com a medicina*. 4ª ed. São Paulo/Belo Horizonte: Martins/Itaiaia, 1980, pp. 5-9.

(4) Ver: Andrade, Mário de. *Correspondente contumaz. Cartas a Pedro Nava: 1925-1944*. Ed. preparada por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

(5) Ver: Nava, Pedro. *Beira-mar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 194.

(6) "Nesse tempo a minha linguagem, evidentemente, não era minha linguagem. Assim como se fala alemão, inglês e francês, eu, nessa época [a modernista] falava 'mário-de-andrade'. Eu tinha uma tal influência do Mário que usava todos os modismos, todos os cacoetes, coisas que hoje não usaria mais e coisas que continuo usando" (Entrevista de Nava a Ricardo Azambuja Am. *Ele & Ela*, n° 103, novembro de 1977). Sobre o que dissemos a respeito do estilo de Mário, veja-se, por exemplo, esta passagem sobre o uso dermatológico de excrementos na medicina popular: "Em Brodowski, clareia-se a pele com bosta de boi morto, tirada no momento em que morreu. Em Piracicaba, como em geral as mães novas, com o parto, ficam cheias de 'panos', remédio certo é pegar na fraldinha em que pela primeira vez a criança evacuou, e pô-la no rosto. Um curioso costume foi-me contado pelo compositor Frutuoso Viana, que na sua meninice em Itajubá (Minas) viu aplicarem bosta de vaca no sovaco das negras, para livrá-las do excessivo boudum" (*Namoros com a medicina*, loc. cit., p. 82).

*cuja barba não conhecia o aviltamento da navalha. Barbas em catadupa, cujos fios eram arrancados inteiros e entregues como penhor da palavra dada, segundo costume patriarcal onde está, na íntegra, o aspecto litúrgico da cerimônia sacrificial* (TE, p. 18).

Como se pode ver, no início do trecho está falando o médico-narrador que observa bem a cultura, os hábitos e as reações dos seus pacientes. Pelo meio da passagem começam as comparações ("como que", "que lembra"), abrindo espaço para o imaginário do homem que escreve, expandindo o discurso a regiões mais amplas, fora do campo específico, e culminando no hábito de os brasileiros antigos selarem compromissos com o fio de suas barbas. A figura do médico desdobrou-se na do historiador da cultura, na do antropólogo, na do homem de letras. O leitor poderá ter aqui a prova do que dizia Oto Lara Resende a respeito da antecipação do prosador das Memórias em *Território de Epidauro*. Com efeito, as linhas acima poderiam perfeitamente tomar parte de qualquer um dos seis volumes da obra que só floresceria no início dos anos 70.

## 2

Em 1949, dois anos após a publicação do *Território*, Nava viria à cena outra vez com os seus *Capítulos da história da medicina no Brasil*, outro volume com praticamente as mesmas dimensões do anterior<sup>7</sup>. Os livros anunciavam um historiador da medicina. Nava tinha um plano, que noticiou no início dos *Capítulos*, de publicar cinco volumes, sendo dois deles a segunda série do *Território* e dos *Capítulos*, e mais um estudo biográfico a ser chamado *O doutor Torres Homem*, sobre a vida e a obra do grande médico brasileiro João Vicente Torres Homem (1837-87), espécie, segundo Nava, de Machado de Assis da nossa medicina do século XIX.

Quase nada se sabe sobre as razões que o teriam impedido de levar o seu projeto adiante. Antes das Memórias, em matéria de livros, somente o *Território* e os *Capítulos*. O que se sabe é que Nava trabalhou bastante na história de Torres Homem, sem contudo ter logrado concluir o livro que pretendia escrever<sup>8</sup>. Nas entrevistas que deu, e foram muitas, os entrevistadores, sob o impacto do homem de letras que florescera nas Memórias, pouco se interessaram pelo assunto que o escritor dominava tão bem: a pesquisa na área médica. Provavelmente, a trabalhadeira nos hospitais, na universidade e no consultório roubaram dele o tempo necessário para levar a tarefa a seu termo<sup>9</sup>. Provavelmente, também, dividido que sempre foi entre a profissão, a literatura e a pintura, que praticava com certo talento, tenha lhe faltado fôlego para o cumprimento da promessa publicada na abertura dos *Capítulos*.

(7) Nava, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasil Médico Cirúrgico, 1949, 136 pp. Para localizar as citações desse livro, utilizaremos entre parênteses a sigla CH seguida dos números das páginas.

(8) Nava nos dá notícia desse trabalho interrompido, do qual restaram dois ensaios com quase trezentas páginas, ao que parece, inéditas até agora, em seu *Galo-das-trevas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, pp. 39-40.

(9) Médico e professor de medicina, Nava tinha larga experiência na carreira a que dedicou mais de cinquenta anos de sua vida. Por esta razão, podia dizer: "Conheço todas as clínicas — a de 'lombo de burro', que experimentei no interior de Minas, a de caminhão e dos fordes que pratiquei nos cafezais do Oeste Paulista, a clínica dura do subúrbio carioca e a clínica elegante dos arranha-céus do centro" (*Galo-das-trevas*, loc. cit., pp. 81-82).

Como se sabe, Nava teve participação ativa no Modernismo da década de 20. Nessa época era estudante da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. A vida estudantil e boêmia, a que se somavam a convivência com os modernistas mineiros e as experiências literárias — Nava ajudou a fundar *A Revista* e escreveu inúmeros poemas naqueles anos de agitação e renovação literária —, formam o eixo de *Beira-mar*, o livro da sua juventude e da passagem para a fase adulta, fase esta de compromissos mais efetivos com a sobrevivência e com a profissão que abraçara ao tornar-se médico, em 1928. A partir de então, a literatura, assim como a pintura, seriam colocadas em segundo plano para que o jovem doutor pudesse cuidar da carreira, uma carreira a que se dedicou com afinco, conforme atestam largas passagens das Memórias.

As intervenções literárias do escritor seriam poucas ao longo das três décadas seguintes. Poucas mas decisivas. Em 1938, Nava publicou "O defunto", seu poema mais conhecido, elogiado por Vinícius de Moraes, Pablo Neruda e Manuel Bandeira. No final dos anos 40 seria a vez de aparecer o *Território* e os *Capítulos*, tão científicos quanto literários, conforme já começamos a ver. Data de 1952 a crônica "Evocação da rua da Bahia" — escrita em homenagem ao cinquentenário de Drummond —, onde se anuncia de modo ainda mais explícito o memorialista dos anos 70<sup>10</sup>. E ficamos nisso. Ficamos? Em algumas entrevistas, o escritor mencionou a existência de cerca de trezentos artigos de sua autoria, publicados em revistas especializadas em medicina<sup>11</sup>.

O quadro nos mostra um homem nos bastidores das Letras mas em plena atividade de médico e intelectual. Naqueles anos, o ponto culminante desse processo seria a execução do projeto sobre a história da medicina brasileira, de que tomam parte o *Território* e os *Capítulos*. Admira, no escritor, a capacidade que ele demonstrou de converter o próprio ofício em matéria de reflexão e pesquisa. Parte do seu movimento provinha da necessidade de auto-explicação por meio dos estudos que lhe permitiram ampliar o alcance da prática individual, de modo a incluir o eu num todo fulgurante: a tradição médico-científica do país. Memorialista congênito, Nava, ao iluminar o trabalho e a vida dos grandes mestres do passado, procedia como se fosse buscar as próprias origens, os agentes da sua formação, os fundadores da "família" profissional a que pertencia, com a mesma paixão com que pintaria, anos depois, nas Memórias, os retratos dos integrantes da sua genealogia.

Ao proceder assim, porém, o escritor empreendia um esforço notável, infelizmente não de todo cumprido, de explicação do Brasil, muito dentro aliás do espírito da época de composição dos livros, conforme se tem apontado, nos últimos anos, a propósito de outros autores, certamente nem tão descritivos e mais teóricos, nem tão cronistas e literários, à exceção de Gilberto Freyre, quanto ele<sup>12</sup>.

Oswald de Andrade, de quem Nava foi amigo e médico, dizia, talvez antecipando o desenvolvimentismo ulterior, que sobravam advogados e, logo, retórica, e que faltavam engenheiros e, logo, tecnologia e ciência no Brasil.

(10) A crônica foi republicada, como Anexo I, no final de *Chão de ferro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, pp. 349-354.

(11) Ver, por exemplo, entrevista de Nava a Lourenço Dantas Motta. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento "Cultura", 15/02/81.

(12) Sobre o assunto, consultar de Paulo e Otília Arantes *Sentido da formação. Três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Uma aproximação pioneira das Memórias de Nava com os livros formadores de Gilberto Freyre, *Casa-grande & senzala*, e Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, foi feita por Davi Arrigucci Jr., em seu ensaio "Mobile da memória" (in: *Enigma e comentário. Ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp. 67-111).

Como se sabe, também faltavam e ainda faltam médicos para cuidar do físico desnutrido e debilitado do grosso da nossa população. Pois bem. Ao empreender sua historiografia médica, Nava saía, baseado na própria experiência, em busca da história da formação do pensamento científico brasileiro, para o qual a medicina, primeiro a clínica e cirúrgica, depois a experimental, mais para o fim do século XIX, seria território premente e privilegiado.

As vicissitudes não seriam poucas, conforme nos mostram os dois livros, para a implantação e o desenvolvimento de um "espírito de escola" no ensino e na prática médica brasileiras. As observações sobre a precariedade e a mesquinha do ambiente intelectual médico, sobre o descaso dos governos para com a saúde coletiva e sobre a miséria da população, a grande maioria entregue aos charlatães, aos curiosos e às crendices, nos dão idéia do problema, mais que crônico, histórico, secular, que são a higiene pública e a saúde no Brasil.

### 3

Já no primeiro capítulo do *Território*, Nava introduz a dificuldade de separar o elemento culto do popular na medicina luso-brasileira. As razões disso, ao menos em princípio, se relacionam com o caráter místico — de origem cristã, moura e judaica — do povo português:

*A concretização da idéia da ira de Deus ou da astúcia do Demônio como causa dos males do corpo, atribui à moléstia o conceito do anômalo e da manifestação sagrada, diante dos quais reage o lastro pré-lógico da mentalidade, com a invenção de terapêuticas onde as práticas de purificação, os amuletos, as rezas e os encantamentos vão ser obrigatoriamente colocados no primeiro plano (TE, p. 11; ver também CH, p. 110).*

Foi, portanto, uma medicina "fabulosa, irreal e absurda", produzida segundo uma ciência "confusa e perturbada", inclusive misturando mitos e crendices em seus tratados científicos, que se transportou para o Brasil durante o ciclo das navegações e que aqui se mesclou, na presença do índio e, logo depois, do africano, sem perder suas raízes portuguesas, ibéricas. Como era de se esperar, a presença médica da Metrópole em sua maior colônia não se deu pela via dos profissionais qualificados, "mas por intermédio dos conhecimentos e da experiência de medicina popular possuídos por navegadores, pelos imigrantes, pelos degradados e pelos padres que aqui aportaram nos primeiros anos de nossa vida" (CH, pp. 21-23).

Dado o panorama, não surpreende que a medicina popular tenha encontrado no Brasil terreno fértil para a sua expansão. Durante todo o

período colonial ela foi, basicamente, "um simples auxílio do homem ao seu semelhante, com a aplicação de conhecimentos de uma arte empírica de curioso" (CH, p. 25). A precariedade da saúde pública na Colônia era criminosa, pois "basta dizer que em 1789", já na fase final da dominação portuguesa, "só havia quatro médicos na cidade do Rio de Janeiro" (CH, p. 26). A situação, de brutal carência, só começaria a mudar, e muito lentamente, com a possibilidade de o país formar seus próprios médicos. Isto se deu graças aos bons ofícios de D. João, que autorizou a abertura das nossas duas primeiras escolas de medicina, a da Bahia e a do Rio, ambas fundadas em 1808, o ano da chegada da Corte ao Brasil.

Foi nessas instituições, e sob influência portuguesa, que se inaugurou o ensino médico-cirúrgico brasileiro. Com o tempo, iria se processar uma mudança decisiva na orientação científica e intelectual do nosso ensino médico, inaugurando, por volta dos anos 30 do século XIX, "um período em que entrava em declínio a autoridade lusitana e despedia seus primeiros clarões o influxo avassalador, irresistível e dominante do gênio francês" (TE, p. 14).

Naturalmente, durante a ocupação portuguesa, a penetração do pensamento da "mais ilustre nação latina" (TE, p. 14) era severamente reprimida pelas autoridades coloniais, que, entre outras coisas, proibiam o comércio de livros franceses no Rio, pois "a França enciclopedista, revolucionária, republicana e maçônica não seria certamente um modelo desejado pelo Estado Português — monarquista, clerical, conservador e reacionário — para a sua grande colônia americana" (CH, p. 36). Apesar disso, a influência francesa nas recém-criadas escolas de medicina começava a crescer, para triunfar ao longo do período imperial, sobretudo no reinado de Pedro II.

Tratava-se de fase de afirmação de uma nova nacionalidade, de modo que era preciso buscar, no plano científico, outra matriz, mais evoluída, capaz de oferecer os ensinamentos de que se precisava para fundar a medicina moderna no Brasil. De acordo com Nava, "a necessidade de outros moldes estrangeiros atirou-nos nos braços da França, no amor e na admiração da qual os brasileiros encontrariam ainda uma maneira indireta de serem antiportugueses" (CH, pp. 39-40).

A França produziu no século passado uma extraordinária geração de internistas, patologistas e fisiologistas que tinha muito a ensinar aos brasileiros, principalmente àqueles que podiam cruzar o oceano para beber nas fontes de Paris e Montpellier as águas que jorravam da ciência médica francesa. Num país como o nosso, carente de recursos e marcado pela ausência daquele "espírito de escola", a influência dos franceses contribuía para unificar o pensamento científico das nossas primeiras gerações de clínicos, alguns deles brilhantes. A Torres Homem, por exemplo, Nava dedica rasgados elogios: tratava-se "do mais ilustre cardiopatologista brasileiro", do "maior professor do seu tempo", de intelectual e cientista marcado pela "cristalinidade e transparência do espírito francês" (TE, pp. 74-75).

Tomava parte da influência francesa na formação do médico brasileiro a concepção do organismo humano como grande unidade, de modo a

encarar "a internística como um todo de atividade não fragmentada pela especialização" (CH, p. 43). Disso resultou, segundo Nava, o "aparecimento dos nossos maiores clínicos, todos, acentuemos bem, clínicos gerais e nenhum deles clínicos de um único departamento da economia" (CH, p. 44). O elogio de Nava ao saber totalizante dos médicos decorre do seu modo de encarar a arte que praticava. Uma arte integradora, que não deveria abandonar a noção do todo. Um todo que poderia abrir-se às outras ciências, às humanidades e às artes em geral, dando ao médico um *status* intelectual, muito inspirado nos mestres franceses. Um *status* que Nava reivindicava para si e que não reconhecia nas gerações médicas recentes.

Mas a presença francesa, decisiva durante mais de um século no setor médico brasileiro, tenderia a esvaziar-se com o advento de uma mentalidade "prática e utilitária" que, segundo Nava, rebaixou a ciência, tornando esta "um meio acessório de ganhar a vida, perdendo o aspecto superlativo de finalidade para a existência" (TE, p. 78). Na verdade, ocorreu outra vez uma mudança de rota, que trocou a "sabedoria gaulesa" pelo cientificismo norte-americano,

*um cientificismo cujo suntuário e fácil começou a nos ser fornecido ao mesmo tempo que os filmes de "cow-boy", as geladeiras elétricas, as histórias de mocinho e os automóveis em série, — em "best sellers" técnicos que são equivalentes médicos de "E o vento levou" e de "Rebeca, a mulher inesquecível" (TE, p. 78).*

Implacável com a nova influência, Nava condena a superficialidade "desses rocamboles de patologia e clínica" que tomaram o lugar dos velhos manuais franceses, fontes de saber profundo, repletos de erudição e de conhecimento humanístico. Ao proceder assim, a medicina do país contrariava a "linha essencialmente européia e latina das origens da inteligência brasileira" (TE, p. 82), cedendo às facilidades e ao pragmatismo do mercado, e perdendo, dessa maneira, a "unidade doutrinária" que havia sido ditada pela França. Para Nava, a queda de prestígio do humanismo francês entre nós seria resultado de uma verdadeira campanha contra o "centro do mundo pensante, capital da inteligência humana, a meta para onde acorriam de todos os recantos da terra os que se deixavam arrastar pela paixão pelas artes e pelo amor da ciência" (CH, p. 40).

A defesa contundente que Nava empreende da cultura médica francesa se expande para outros campos da vida espiritual brasileira. Vale notar, portanto, como o escritor acompanhou o movimento geral das idéias no país, que começava então a despachar os franceses, franqueando a "casa" aos americanos, novos mentores do pensamento e do comportamento do brasileiro médio. Naqueles anos 40, ele já lamentava a "sugestão criminosa e parricida da eliminação do estudo da língua francesa como disciplina obrigatória nos nossos cursos ginasiais" (TE, p. 82). Numa ponta

avançada da linha educacional, o bom médico, capaz de honrar a arte hipocrática, devia ser, antes de tudo, um humanista, para cuja formação contribuía a leitura dos livros franceses. De fato, alinhando-se na tradição francesa da medicina brasileira, e na influência dos franceses na nossa cultura letrada<sup>13</sup>, Nava era um homem de muitos saberes. Só assim teria podido empreender sua (mesmo que breve) historiografia médica e, mais tarde, dar às suas Memórias a configuração enciclopédica que elas viriam a ter.

Todavia, o humanismo do médico, segundo Nava, não deveria restringir-se ao saber livresco, desdobrando-se em humanidade no exercício da profissão. O problema ético permeia seus dois livros de medicina. No elogio do escritor aos grandes mestres do passado, ao lado dos méritos científicos, reponta a retidão humana. Oswaldo Cruz, por exemplo, criador da nossa medicina experimental e talvez a maior estrela da história médica brasileira, era marcado por um "espírito de altivez e independência" e tratava-se de homem que "não tirou da situação ímpar que desfrutava nenhum proveito pessoal" (CH, p. 86). A ética também comparece na crítica de Nava à arrogância científica que despreza as contribuições dos "modestos manejadores de ervas" que mantêm a tradição da medicina popular (TE, p. 60) e ao "ar de superioridade adotado por certos médicos, engrenados no carreirismo elegante, quando se ferem aos [seus modestos] colegas de subúrbio" (CH, p. 63).

Mas é na concepção que Nava tinha do papel social do médico que melhor figura a ética em seus livros. Sua simpatia pelo profissional suburbano, por exemplo, vinha da valorização do contato mais próximo do médico com o paciente, estabelecendo-se entre eles uma relação mais humana e menos comercial. Da mesma forma, a forte ligação do povo com os curiosos devia-se, e deve-se ainda hoje, em grande parte, ao fato desses praticantes da medicina popular serem "muito mais próximos e acessíveis que o profissional, cujos serviços têm preços que os transformam em mercadoria proibida para o grosso da população" (CH, p. 131).

O escritor separava radicalmente os seus colegas em dois grupos: os que seguiam a carreira por vocação e os que nela se moviam pelo interesse nos lucros que dela podiam auferir. Nas Memórias, os primeiros seriam chamados de "médicos brancos" e os segundos, as aves de rapina entregues a um carreirismo desenfreado, de "médicos marrons". Para Nava, o médico deveria exercer "permanentemente uma função de educador do povo, ao qual, em cada consulta ou em cada visita, transmite um pouco do seu conhecimento e uma parcela de sua experiência" (CH, p. 96). Decerto esse modo de encarar o próprio ofício vinha em parte da formação humanista e, noutra parte, da consciência de existir num país marcado, desde a colonização, "pela falta de médicos de um lado e abundância de doenças de outro" (CH, p. 125), num país em que nunca se cumpriu, e nem se cumpre, o lema de que "a assistência ao doente é um dever indeclinável do Estado, cuja única razão de ser é servir à coletividade que representa" (CH, p. 26).

(13) A formação do escritor, como a de sua geração, deve muito às letras francesas, desde o Colégio Pedro II, onde fez o secundário, até a Faculdade de Medicina, onde a leitura dos manuais franceses era decisiva. Na época modernista, o convívio com Aníbal Machado, Drummond, Milton Campos e outros ativou o gosto do escritor por autores franceses. Quando foi trabalhar no Hospital de Pronto-Socorro do Rio, sob a batuta de Genival Londres, Nava integrou uma equipe de médicos formada numa tradição que vinha de "Miguel Couto, Francisco de Castro, Torres Homem e do criador de nossa medicina interna: Manoel de Valadão Pimentel, barão de Petrópolis. Essa escola de origem nitidamente francesa teve sempre como adversa a outra, a mais germânica, de Rocha Faria, Nuno de Andrade e Agenor Pinto" (*O cirio perfeito*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 297).

Todo bom historiador é um humanista nato e, de certa maneira, um memorialista também. Nesses livros de medicina, como observou Oto Lara Resende, Nava antecipa o escritor de memórias que viria a ser duas décadas depois. Naquela altura já era um homem plenamente formado, um quarentão culto munido do saber amplo que sua tarefa exigia, pois para o médico historiador era preciso dominar, "além dos conhecimentos da medicina do seu tempo, os da medicina clássica; [e mais] os conhecimentos de lingüística, de etnografia, de história geral, de literatura, de filosofia e de artes plásticas" (CH, p. 3). Quando chegou o momento de escrever suas Memórias, todos esses saberes, já bem curtidos pelo tempo, contribuiriam para a criação do vasto horizonte que elas descortinam, levando o escritor muito além da esfera restrita do depoimento pessoal<sup>14</sup>.

O memorialista é antes de mais nada um guardador de lembranças. Suas fontes compreendem tudo aquilo que poderá ser evocado mais tarde: um documento, uma carta, um objeto, a memória de uma conversa etc. Nava tinha paixão por arquivos. Quando se pôs a escrever seus dois livrinhos de medicina já era, há algum tempo, colecionador de tudo o que pudesse "servir ao estudo da história como da crônica da medicina brasileira. Fotografias desmerecidas pelos anos. Recortes de jornais. Cópias de documentos esquecidos. Receitas antigas. Conversas de velho" (TE, p. 67). O leitor de Nava logo reconhecerá nessas fontes utilizadas para os seus estudos médicos parte das fontes utilizadas também na elaboração dos seis caudalosos volumes da obra posterior. É que o procedimento de guardar, catalogar e fichar seria o mesmo das Memórias. Metódico, antes de escrever, Nava montava seus "esqueletos" — note-se aqui a metáfora médica —, ou bonecos, nos quais trabalharia, corrigindo, cortando, acrescentando, até obter a forma do texto publicável.

Mas para além da diversidade do material referido, a que se acrescenta, naturalmente, a experiência do escritor na área que se propunha a estudar, nota-se aí a influência de Gilberto Freyre, homem também de múltiplos saberes, que utilizava fontes de naturezas diversas na elaboração dos seus livros; uma influência que se perceberá, também, no estilo de Nava escrever<sup>15</sup>. Retomaremos este assunto adiante.

Como se vê na citação acima, a oralidade marcava presença entre as fontes utilizadas pelo escritor. Os depoimentos serviam para complementar, dando-lhe muitas vezes mais vida e sabor, e conferir a matéria dos documentos: "onde haja filho, irmã, viúva, amigo ou contemporâneo dos mestres mortos, procuro sempre me insinuar, para recolher a história não oficial dos seus hábitos, seus concursos, amigos e inimizados, modo de exercer, particularidades pessoais" (TE, p. 67).

Nava tinha o hábito de tomar notas do que ia ouvindo, com a intenção óbvia de incorporar certas histórias no seu trabalho — as Memórias viverão muito disso, dos "causos" recolhidos ao vasto repertório de anedotas

(14) Baseio-me aqui nas preciosas observações de Antonio Candido em seu ensaio "Poesia e ficção na autobiografia" (in: *A Educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, pp. 51-59).

(15) Sobre as ligações entre os estilos de Nava e Gilberto Freyre, ver, de Davi Arrigucci Jr., "Móvil da memória", loc. cit., pp. 74-76.

conhecidas pelo escritor —, daí o caráter tantas vezes oscilante, formal e informal, de um historiador *sui generis*, cujo discurso mescla com naturalidade admirável a ciência e a literatura. As ocasiões em que a documentação não supria as demandas da pesquisa eram sempre muito propícias para o escritor recorrer à oralidade e à imaginação. É o caso de um certo doutor Santos Titára, médico de subúrbio que havia prestado, no século XIX, relevantes serviços à comunidade menos favorecida dos bairros cariocas. Nava admirava a figura daquele profissional, de quem tomara conhecimento num livro de Torres Homem. Mas não havendo como biografá-lo por inteiro, e querendo o biógrafo registrar sua homenagem ao colega do passado, o jeito foi completar o retrato "com poesia", a mão do escritor apoiando a do médico pesquisador: "As informações que colhi [sobre o Dr. Titára] são parcas e longínquas. Mas é por ser assim que permitem evocar a figura do prático, na meia luz propícia à interpretação poética de sua vida" (TE, p. 69).

Essa "confissão de método" bastaria para confirmar a presença antecipada do narrador das Memórias nesses livros de medicina. De fato, nos volumes da obra posterior, Nava utilizaria o mesmo procedimento, o de completar com a imaginação poética as insuficiências dos documentos, imprimindo, assim, às Memórias o caráter literário que elas têm. Mas se estavam lá, nos livrinhos dos anos 40, o arquivista, o colecionador de depoimentos e anedotas, o homem sabido, o médico humanista, o memorialista, o artista enfim, não poderia faltar, neste rol de figuras que ajudam a compor a fisionomia de Nava, a figura do amante dos livros, principalmente os velhos, muitos deles caçados nas prateleiras dos sebos, onde, de súbito, podia ser encontrado "o livro imundo, empoeirado, rasgado, fosco, desconjuntado, fervilhando de bichos e que vai ser espanado página por página, ungido em cada ferida, esticado, passado a ferro, restaurado, reabilitado — e finalmente reintegrado na vida das estantes vivas" (TE, p. 132).

Nessa passagem vemos, de forma exemplar, as mãos do médico unindo-se às do escritor para plasmar o estilo metafórico da homenagem prestada ao livro velho, personificado como se fosse um paciente em processo de cura sob os cuidados do profissional da medicina. Para além do estilo, o trecho nos mostra que os livros eram incorporados à vida afetiva de Nava, leitor curioso, voraz e altamente sensível ao valor simbólico de certos volumes, capazes de exalar a "poesia dos objetos humanizados ao contato de muitas vidas e ao toque de muitas mortes" (TE, p. 132).

## 5

O leitor das Memórias não tarda a perceber ao longo desses livros de medicina as entradas discretas do memorialista no texto do historiador. Foge às intenções deste ensaio rastrear tudo o que neles nos remete às Memórias. Todavia, podemos abordar alguns temas que retornarão, anos depois, na

obra do escritor. Aquele elogio dos médicos de subúrbio, por exemplo, tem a ver com a experiência de Nava, que chegou ao Rio em 1933, para trabalhar no Hospital de Pronto-Socorro da cidade. Antes de assumir o posto para o qual estava destinado, Nava foi trabalhar no Serviço Externo, o "apanha cachorros", experiência recordada com entusiasmo nas Memórias, basicamente por três razões: porque o então jovem doutor tinha muito o que aprender naquelas emergências que lhe revelavam "os desconhecidos da patologia"; porque, nas idas e vindas da ambulância, podia conhecer a fundo a geografia da cidade que escolhera para viver; e porque experimentava de frente a luta de classes, entrando nas casas do milionário, do rico, do remediado, do pobre e do miserável "das casas-de-cômodo e favelas"<sup>16</sup>.

(16) *O círio perfeito*, loc. cit., p. 290.

Outro exemplo de presença da memória pessoal no trabalho do historiador encontra-se nas considerações de Nava a propósito da influência árabe e judaica na medicina espanhola. Nesse ponto, o escritor põe-se a falar do caráter dos mineiros e cearenses, dos quais provinha, dos primeiros por parte de mãe e dos segundos por parte de pai. Aqui, projeta-se o pesquisador das próprias origens, num discurso que beira o de um etnógrafo, mas de uma etnografia generalizante, pouco fundamentada talvez, embora cheia de sabor, se não de verdade, ao menos de estilo:

*E muitas qualidades dos filhos daquelas províncias, a diligência do cearense, sua capacidade de renascer da destruição, seu espírito empreendedor e paciente; a astúcia do mineiro, sua vocação de letrado e de político, seu temperamento a um tempo afável e reservado — têm muito do atavismo semita, na sua tenacidade insuperável, no seu gosto pacífico pela transação e pelo negócio, no seu feitio flexível, adaptável e sagaz, no seu afeiçoamento às calmas da meditação e às finuras da exegese (TE, p. 31).*

Na mesma linha, também se observa, nos livros, a preocupação genealógica do futuro autor de *Bau de ossos*, que viria a ser o livro da história de sua família. Em *Território de Epidauro*, há uma passagem em que o historiador mitifica, lançando mão de imagens evangélicas, a alta "família" médica brasileira, unificada, no século XIX, por sua filiação à ciência francesa. Manoel de Valadão Pimentel, barão de Petrópolis,

*notabilidade médica e professor egrégio da Faculdade, foi o precursor, o João Batista da medicina interna brasileira, de que o extraordinário Torres Homem seria o Messias e cujos apóstolos se chamariam Francisco de Castro, Martins Costa, Almeida Magalhães, Miguel Pereira, Benício de Abreu, Barbosa Romeu, Dias da Cruz, Cícero Ferreira, Rocha Faria, Azevedo Sodré, Eduardo de Menezes e Miguel Couto (TE, p. 71).*

Ao lado da figura que apreciava deslindar laços de parentesco, seus e dos outros, de colecionar e estudar genealogias, de ouvir e contar histórias de famílias, surge também, nesses dois livros, a do biógrafo que Nava foi em incontáveis páginas de suas Memórias. Apenas para exemplo, lembramos aqui uma sequência dos *Capítulos* em que são biografados, num só fluxo, Lavoisier, Morgagni, Avenbrugger, Corvisart e Laennec; José Maria Bomtempo e Joaquim da Rocha Mezarem; Pinei e Richerand; Joaquim e João Vicente Torres Homem (CH, pp. 32-44). Nessa passagem, Nava empreende um traçado de filiações científicas, de maneira a figurar a história da formação da medicina brasileira, através de seus nomes mais proeminentes. Como já tivemos oportunidade de dizer, é como se ele fosse buscar as origens de uma família, a "família médica" brasileira, estabelecendo através dela uma linhagem a que ele, como médico, se orgulhava de pertencer.

## 6

*Território de Epidauro* é um livro de 22 capítulos curtos, escritos na forma ensaística, com alguns momentos monográficos, sobretudo em certos capítulos que se dobram, como, no meio da obra, "As origens francesas da medicina brasileira" (TE, pp. 71-87). De um modo geral, Nava se entrega ao vaivém dos assuntos. Não se pense, contudo, que se trata de livro frouxo, porque certas questões unificam a matéria: a mistura do elemento culto ao popular na medicina do país, a psicologia do paciente, a introdução e o desenvolvimento das idéias francesas nas nossas escolas de medicina, a ética dos médicos, a fragmentação da prática médica em especializações etc. Nava opera em três planos básicos: a ciência, o médico e o paciente, estendendo seus argumentos ao vasto plano da história cultural. Mas, para além das referências e citações no corpo do texto, o livro não contém notas de rodapé, nem bibliografia, o que contribui ainda mais para reforçar a impressão que ele transmite de trabalho em aberto, à mercê da erudição do autor.

Já o mesmo não ocorre com os *Capítulos*, que figura mais bem organizado e enxuto, com apenas oito capítulos e com bibliografia no final de cada um. Não se trata, todavia, de livro propriamente inédito, parecendo ter sido feito para ser lido na sequência do anterior, até porque certos assuntos retornam, tais como as origens da nossa medicina, o ciclo da influência francesa, o estudo da medicina popular brasileira etc. Também permanece na obra o tom ensaístico, que dá liberdade ao historiador e muito gosto à leitura.

De fato, são livros bons de ler, instrutivos e divertidos, destinados a público amplo e não somente a especialistas<sup>17</sup>. E talvez se possa dizer que os seus melhores momentos sejam aqueles em que se percebe com nitidez a mistura do artista com o pesquisador, fazendo subir, assim, a voltagem literária do texto, sem contudo sobrecarregar a clareza da exposição e o andamento das idéias. Já demos exemplos dessa combinação de níveis na maneira de Nava tratar os seus assuntos. Apenas para reforçar o que

(17) Tenho notícias de que a Ateliê Editorial, de São Paulo, está preparando a reedição do *Territórios e dos Capítulos*, infelizmente há décadas fora do mercado de livros.

dissemos, vejamos agora uma passagem sobre o uso de substâncias gordurosas em práticas de bruxaria tomadas pela medicina popular:

*Farmacopéia tenebrosa onde entra a banha de bode, de cobra, de porco, de menino pagão e o próprio azeite doce. Esse, então, serve para tudo quanto é sorte de encantamento. Para invocar as almas do purgatório. Para a levitação das feiticeiras. Para dominar amadas esquivas. Para reacender amores extintos. Para curar doenças do corpo* (TE, p. 28).

Aqui, como já referimos e como acontece em muitas outras passagens, não é difícil ao leitor perceber a presença de Gilberto Freyre na maneira de Nava escrever, uma presença que permaneceria anos a fio no escritor, culminando na elaboração das Memórias. Trata-se de um estilo imaginativo, que junta com naturalidade impressionante o real e o simbólico, a ciência e as superstições, uma imagem puxando a outra, formando frases justapostas, marcadas pela pontuação insistente. Para além do estilo, chama a atenção como os dois autores sabiam captar e reproduzir o imaginário popular e a cultura que este imaginário produziu. É assim, em estilo aparentado ao do "Mestre de Apipucos", que Nava aborda a força da presença africana na medicina popular e na cultura brasileiras:

*E [o negro] introduziu [...] nesse terreno da cultura [as práticas médico-religiosas] a mesma graça, a mesma vibração e a mesma ardência africanas que entraram também na nossa música, no nosso folclore, nos nossos costumes, na nossa religiosidade e que o azeite de coco de dendê, o camarão seco, o inhame, as folhas de tempero e as pimentas incendiárias iam conferir à cozinha brasileira* (CH, p. 122).

Quando se trata de falar da medicina do povo, Nava parece se esmerar, dando a impressão de ser este o terreno mais propício para cravar sua literatura no discurso historiográfico que escrevia. É possível que, naquela altura da vida, o escritor ainda não projetasse escrever suas Memórias, e que julgasse ter abandonado as letras de vez, pondo na medicina suas melhores energias criativas e chegando a encarar a possibilidade de fazer literatura com ela. Vejamos, por exemplo, a passagem seguinte, que introduz, levando-a às alturas, a cultura francesa na rota principal das influências recebidas pela medicina brasileira:

*Só a idade miraculosa e antiga que viu a euritmia coetânea, a medida e a proporção contemporâneas, — do riso de Demócrito, da*

*dialética platônica, do sarcasmo socrático e da indução de Hipócrates —, só o século de Péricles, no esplendor de suas letras e de suas artes, pode ser a simetria, a correspondência, o acordo e a sabedoria da França do século XIX* (TE, p. 14).

Além das marcas que já identificamos, o estilo de Nava era marcado pelas hipérboles. O escritor não controlava os exageros quando se tratava de abordar os objetos de sua admiração. Mário de Andrade, com aquela argúcia que lhe era peculiar, já notara a "suntuosidade" na maneira do seu amigo mineiro escrever<sup>18</sup>. Nava tinha mesmo gosto pela palavra bonita, pela expressão grandiloqüente, pelos torneios de linguagem, pelas comparações, metáforas, hipérbatos e hipérboles. Tratava-se de uma espécie de sensualismo lingüístico, assumido pelo escritor, que se sentia reconhecido ao ver apontado o barroquismo do seu estilo<sup>19</sup>.

Evidentemente, em se tratando de homem com este perfil, a literatura era fonte privilegiada de documentos para a pesquisa do médico historiador. É fazendo referência aos nossos românticos que ele procura desfazer o romantismo, as mistificações, que exageraram a contribuição dos nossos indígenas para a ciência médica brasileira:

*Admitir o contrário é admitir nos nossos selvagens uma acuidade de observação, uma capacidade lógica para a indução e a dedução, uma aptidão para a análise, um conhecimento de patologia e uma ciência das indicações terapêuticas, que só seriam possíveis nos índios europeizados e românticos, que foram postos em verso no Y-Juca Pirama e no Canto do Piaga ou transportados para a prosa na Iracema e no Guarani* (TE, p. 13).

É recorrendo ao escritor francês Jules Romains que ele traça o perfil do médico "profissionalista", ou seja, o ambicioso que põe os interesses materiais acima do juramento hipocrático:

*O doutor Knock [do romance Knock, ou le triomphe de la médecine, de 1923] é nosso conhecido íntimo. Não há dia em que não o encontremos numa de suas mil encarnações. Sua personalidade servirá ao historiador do futuro que quiser esquadriñar o profissionalismo que tanto rebaixa o médico nos nossos dias* (CH, p. 5).

Enfim, seja executando sua forma envolvente de escrever, seja citando ou fazendo referências a outros escritores, a literatura está presente do começo ao fim nesses livros de medicina que Nava escreveu, do mesmo

(18) Ver *Correspondente contumaz*, loc. cit., p. 90.

(19) O crítico Nogueira Moutinho foi um dos que apontaram o barroquismo do estilo de Nava, em sua resenha "A maioridade da memorialística – 3" (*Folha de S. Paulo*, 22/04/79), sobre *Beira-mar*.

(20) "... minha obra literária não deixa de ser obra de médico. Quem olhar com atenção perceberá em cada página a experiência dele na apreciação do ser humano" — nos temas e no estilo também, poderíamos acrescentar (Entrevista a *Veja*, "páginas amarelas", 17/04/74).

(21) Entrevista de Nava a José Márcio Mendonça. *Status*, janeiro de 1977.

modo que a mão do médico não deixaria de acompanhar a do memorialista na obra posterior<sup>20</sup>. O longo e demorado salto para as Memórias dependeria menos do apuro do estilo, que há muito amadurecera, do que da experiência de vida, que precisava avançar até que Nava envelhecesse, encerrasse suas principais tarefas de médico e pudesse recolher-se em seu apartamento, na rua da Glória, para finalmente debruçar-se na obra que sonhava e, de certo modo, precisava escrever.

Para atenuar as dores da velhice, que "é ruim em tudo, inclusive dói na gente em cada canto [...]. A sensação de que a vida já passou e da aproximação da morte não é agradável para ninguém"<sup>21</sup>. E para pagar uma espécie de dívida que parecia ter com a sua geração. Uma geração que havia produzido homens como Drummond, Murilo Mendes, Aníbal Machado, Mário e Oswald de Andrade, entre outros tantos. Ao sentar-se à sua máquina de escrever, em 1º de fevereiro de 1968, com o fito de dar conta de suas Memórias, o escritor começava a reintegrar-se à sua família artística, uma família da qual tinha se desgarrado um longo tempo, voltado que estava para a sua medicina. O filho pródigo à casa retornava.

Recebido para publicação em  
19 de janeiro de 1999.

Joaquim Alves de Aguiar é professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP.

---

Novos Estudos  
CEBRAP  
N.º 53, março 1999  
pp. 151-165

---